



SUGESTÃO DE PESQUISA EM TORNO DAS AÇÕES INSUSTENTÁVEIS E DÉFICITS SOCIOAMBIENTAIS NO TURISMO DE PORTO SEGURO–BAHIA

*Elissandro dos Santos Santana**

Resumo: A inserção no universo científico é uma tarefa árdua e difícil para alunos de graduação, por isso, esse trabalho configura-se como uma sugestão de pesquisa em torno do tema “Ações insustentáveis e déficits socioambientais no turismo de Porto Seguro–Bahia”, contribuindo para mitigar ou minimizar as dificuldades em torno do fazer ciência. O *locus* apresentado no trabalho de investigação serve apenas como ponto de partida para a reflexão e, por isso, pode ser redimensionado, pois os problemas ambientais aparecem em muitas partes do Brasil e do mundo. Enfim, com essa proposta, busca-se contribuir para a formação científica de graduandos e egressos da graduação que desejam continuar os estudos na pós-graduação lato sensu e stricto sensu na área ambiental.

Palavras-chave: Turismo; Ações Insustentáveis; Déficits Socioambientais; Formação Científica.

Resumen: La inclusión en el mundo científico es una tarea ardua y difícil para los estudiantes, por lo que este trabajo aparece como una sugerencia de investigación sobre el tema “Acciones insostenibles y déficits socio ambientales en el turismo de Porto Seguro–Bahia”, contribuyendo a mitigar o reducir las dificultades en torno al hacer ciencia. El *locus* presentado en el trabajo de investigación sirve solamente como punto de partida y, por ello, puede ser otro, pues los problemas ambientales aparecen en muchas partes de Brasil y del mundo. De todos modos, con esta propuesta, se busca contribuir a la formación científica de los estudiantes y graduados que deseen continuar sus estudios en postgrado lato sensu o stricto sensu en el área ambiental.

Palabras-clave: Turismo; Acciones insostenibles; Déficits socio ambientales; Formación científica.

1 Introdução

A tríade turismo, sustentabilidade e meio ambiente ocorre a partir de tensões frutos de contradições e convergências. Para a compreensão desses três elementos, é importante entender a complexidade da atividade turística praticada em um determinado meio ambiente, com seus capitais naturais e como tais recursos podem ser usados de forma sustentável.

Para aprofundar a discussão sobre os três temas, faz-se necessário um passeio conceitual a partir de teóricos que discorrem sobre esses campos, pois somente diante do arcabouço dos conceitos de cada

* Especialista em Sustentabilidade, Desenvolvimento e Gestão de Projetos Sociais e em Linguística e Ensino de Línguas pelo Centro Universitário UNISEB (UNISEB), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola pela Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC), Graduado em Letras (Espanhol) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail: lissandrosantana@hotmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7247738302577231>





temática avançar-se-á no que tange à compreensão das questões que estão por trás das ações insustentáveis que permeiam as atividades turísticas, desencadeando estresses e déficits socioambientais.

Antes de discorrer sobre algumas das características da cidade, *loco* da pesquisa que será proposta, torna-se oportuno pontuar que o turismo é uma atividade que possibilita o trânsito de pessoas, de cultura, de saberes e de geração de riquezas, por isso, conforme Coriolano, Leitão e Vasconcelos (2009, p. 29): “*é um campo afeito a tensões e antinomias.*” Essas tensões e antinomias, segundo os autores mencionados, encontram explicação no fato de que as imagens do turismo consolidadas ao longo do século XX produziram signos e símbolos impregnados de significados simultaneamente criativos e destrutivos. Tais antinomias são frutos, em parte, da própria complexidade das atividades turísticas, pois, segundo Ricco (2012, p. 167) o turismo: “*(...) é um fenômeno extremamente complexo, dinâmico, que opera de múltiplas formas e nas mais diversas circunstâncias, sendo difícil apreendê-lo em sua totalidade por meio de uma única perspectiva teórica ou mesmo de uma única ciência.*”

Essas antinomias e tensões aparecem em Porto Seguro, que possui no turismo a principal atividade para geração de riqueza e ancora-se na dinâmica do desenvolvimento econômico sem grandes responsabilidades socioambientais. A cidade alicerça-se em perspectivas exploratórias com a natureza, o que é paradoxal, haja vista que em vez de conservar e preservar os recursos naturais dos quais se serve, apropria-se, de forma inadequada, dos ambientes naturais e culturais. Essas apropriações propiciam insustentabilidades que vão desde a transfiguração dos espaços de lazer, dos espaços de cultura e história, concentração de riquezas, especulação imobiliária, segregações espaciais, degradação de matas ciliares ao longo de rios e riachos, depósito de resíduos sólidos em praias, despejo de esgotos no mar, destruição de expressões culturais e históricas, exploração da mão de obra, distanciamentos sociais e violência.

Para a compreensão da complexidade das atividades turísticas na cidade, faz-se necessário entender as consequências das ações antrópicas em ambientes diversos, levando-se em consideração que elas ocorrem em áreas marinhas, lacustres e ecossistemas em geral. No que concerne à relação economia e meio ambiente, já que o turismo de Porto Seguro ocorre a partir desses dois pilares, é importante recorrer ao que afirma Braga *et al.* (2002, p. 226):

A Economia ecológica constituiu uma reação àquilo que considera como insuficiência dos princípios-base da economia tradicional, em face da natureza dos processos ecológicos nos ecossistemas e na biosfera, que são determinantes do equilíbrio e da qualidade do ambiente. Na sua visão, a economia deve ser entendida como um subsistema (o subsistema econômico) originado da atividade humana, mas subordinado às leis fundamentais que regem os ecossistemas da biosfera.

Há pontos estratégicos para o turismo na cidade. Começando pelo centro, há a Passarela do Álcool, onde, diariamente, são armadas barracas para vendas de alimentos, bebidas e artesanatos locais, com a circulação de milhares de pessoas. Esse ponto turístico também é o local para a realização das festas mais importantes da cidade, com bandas e circulação de trios elétricos. O problema é que essa parte está localizada às margens do Rio Buranhém, que desagua no mar, e, após as festividades, são visíveis os impactos ambientais com a presença de resíduos sólidos como garrafas plásticas, de vidro e de metal no leito do rio. Na Orla Norte há grandes empreendimentos como barracas e hotéis com festas





na praia, em que é possível verificar o acúmulo de resíduos sólidos e líquidos. Além desses problemas, vários rios e riachos desse perímetro estão contaminados com o despejo de esgotos e outros resíduos. Para piorar a situação, novos empreendimentos e condomínios são construídos nessa parte da orla a cada ano. Do centro de Porto Seguro para o Arraial d'Ajuda (outro ponto muito importante para o turismo) há a travessia de balsa pelo Rio Buranhém e tais embarcações são abastecidas às margens do próprio rio, o que demanda cuidado e política sólida de fiscalização ambiental, pois há o risco de contaminação da água com o vazamento de óleo. Do outro lado, há engarrafamentos na Estrada do Arraial até o Centro do Distrito e isso provoca, além dos ruídos que perturbam aves e outros animais da fauna local, poluição com o lançamento de CO₂. Saindo do Arraial, há o turismo ainda mais luxuoso no Distrito de Trancoso e, nesse espaço, a natureza passa por um acelerado processo de desgaste, em que grandes hotéis são construídos e o distrito, por conta do sucesso econômico advindo do turismo, atrai um contingente de pessoas de outras partes do município e de outras cidades da região, ocasionando o crescimento urbano e populacional desordenado com o surgimento de bairros sem condições sanitário-ambientais.

Frente às condições socioeconômicas frágeis, os atores sociais envolvidos com o turismo desenvolveram práticas exploratórias do capital natural e essa concepção também aparece no discurso do turista que concebe a região como pacote-objeto a ser consumido. A partir do consumo/exploração, o que deveria ser espaço de troca cultural, histórica e convivência com a natureza, converte-se em relações depredatórias que vão desde a poluição de praias e rios com resíduos sólidos, à depredação de recifes em decorrência da presença não controlada de pessoas nessas áreas de ampla biodiversidade marinha, à irresponsabilidade de gestores públicos em relação a políticas de educação ambiental, além da ausência da aplicação de legislação ambiental, planejamento e zoneamento ambiental para a cidade.

A partir do quadro apresentado, percebe-se que o turismo em Porto Seguro está alicerçado em moldes hegemônicos de desenvolvimento em dissociação com o meio ambiente, através de modelos de produzir sob o efeito da arquitetura aristotélica bipolar não complexa que maturou o cartesianismo de causa e efeito da modernidade. Ou seja, o turismo na cidade já deveria ser praticado a partir de visões plurais, baseado no respeito à própria natureza e ao homem que dela se serve, mas, infelizmente, está preso às bases do desenvolvimento positivista, satisfazendo desejos e necessidades capitais sem compromisso com o socioambiental. Seguindo-se tal raciocínio, pode-se relacionar esse desejo inconsequente de uso da natureza sem pensar nas consequências com o que afirma Maturana (2001, p. 172):

Nós, seres humanos, sempre fazemos o que queremos, mesmo quando dizemos que somos forçados a fazer algo que não queremos. O que acontece nesse último caso é que queremos as conseqüências (*sic*) que irão se dar se fizermos o que dizemos que não queremos fazer. Isto é assim porque nossos desejos, conscientes e inconscientes, determinam o curso de nossas vidas e o curso de nossa história humana. O que conservamos, o que desejamos conservar em nosso viver, é o que determina o que podemos e o que não podemos mudar em nossas vidas. Ao mesmo tempo, é por isso que freqüentemente (*sic*) não queremos refletir sobre nossos desejos. Se não vemos nossos desejos, podemos viver sem nos sentirmos responsáveis pela maior parte das conseqüências (*sic*) do que fazemos.





Levando-se em consideração a configuração e dinâmica atual do setor turístico da cidade, é necessário repensar práticas em torno da perspectiva tradicional que concebe o meio ambiente como capital natural gerador único de divisas econômicas, pois, sob esse ângulo, há o risco de esvaziamento do humano em relação ao meio ambiente e surgimento do *homo ignoramus* no que concerne à noção de pertença e integralização com a natureza. Nessa linha, pode-se mencionar que diante do desligamento do homem com o meio ambiente, surgem incongruências do pensar-agir e práticas antropogênicas que geram insustentabilidades em âmbitos diversos. No Turismo, tais incongruências geram tensões e antinomias, pois, ao passo que é uma atividade que possibilita a aceleração econômica, gera descompassos e provoca déficits ambientais em larga escala, ou seja, feito de forma predatória, atinge dimensões somente econômicas e não alcança o desenvolvimento em seu conceito *lato sensu*. A partir desse raciocínio, Coriolano, Leitão e Vasconcelos (2009, p. 29), afirmam que o turismo:

De um lado, é considerado um dos fatores de aceleração do desenvolvimento moderno e, de outro, da intensificação das redes de relações sociais no planeta, características do novo século. As imagens do turismo consolidadas ao longo do século XX produziram signos e símbolos impregnados de significados simultaneamente criativos e destrutivos. Ao mesmo tempo que a atividade turística simboliza o uso e a apropriação (muitas vezes inadequada) de ambientes naturais e culturais, transfigurando-os em espaços de lazer e consumo, concentração de riqueza, especulação, segregação de espaços, degradação de ambientes, destruição de expressões culturais, exploração de trabalhadores, também simboliza o empreendedorismo, a conquista, a descoberta e o sonho de muitas pessoas.

As contradições nas atividades turísticas geram insustentabilidades e comprometem o desenvolvimento. Assim, faz-se imprescindível questionar o *modus operandi* de fazer turismo e gerar renda na cidade. No entanto, para que a mudança aconteça, é possível fazer uma ponte com o que afirma Morin (2005, p. 10): “Não haverá transformação sem reforma do pensamento, ou seja, revolução nas estruturas do próprio pensamento. O pensamento deve tomar-se complexo.”.

2 Proposta de Objetivos para a Pesquisa

O pesquisador, ao apresentar o anteprojeto ou projeto de pesquisa para alguma Instituição, poderá apresentar o seguinte objetivo geral: pesquisar sobre práticas insustentáveis que desencadeiam déficits socioambientais e mapear as áreas degradadas em decorrência de atividades antrópicas a partir do turismo na cidade de Porto Seguro, Bahia.

No que concerne aos objetivos específicos, poderão ser apresentados os seguintes: investigar até que ponto as ações antropogênicas desencadeiam problemas ambientais; pesquisar quais são os principais problemas sociais presentes no município, com relação direta e indireta com a degradação do meio ambiente a partir do turismo exploratório; investigar as condicionantes que propiciam as tensões e antinomias entre o turismo e o capital natural do município; estudar a relação dos atores





sociais com o meio ambiente e que trabalham com o turismo; pesquisar o comportamento dos turistas que visitam a cidade e quais os fatores que contribuíram para a escolha do destino turístico; verificar paradoxos a partir dos motivos geradores para a escolha do local turístico pelos visitantes e suas práticas na cidade; identificar os principais impactos socioambientais causados pelo turismo na cidade.

3 Justificativa para a Consecução da Pesquisa

Porto Seguro possui no turismo a principal fonte de renda e é destino turístico importantíssimo para o Brasil. Diante do fato de que essa atividade é imprescindível para a região, é importante investigar as práticas de exploração no turismo que desencadeiam déficits sociais e ambientais. Ademais, urge uma nova relação dos agentes envolvidos no trabalho com o turismo em relação à natureza, pois as belezas naturais aliadas a outros fatores são os elementos atrativos e a degradação desses serviços ecológicos provocam desequilíbrios socioambientais.

Caso não haja uma nova arquitetura de pensar o turismo, haverá o esgotamento dos serviços que são comprados pelos turistas que visitam a cidade e, conseqüentemente, haverá o enfraquecimento parcial ou total do turismo na região, com conseqüências sociais e econômicas que desencadearão outros desequilíbrios. Na atual conjuntura, são perceptíveis as marcas da exploração e, por isso, somente um novo design mental¹ em torno do turismo contribuirá para o desenvolvimento para além de rótulos econômicos na cidade. Nessa linha de raciocínio, pode-se recorrer ao que afirma Boff (2012, p. 14):

Nunca antes da história conhecida da civilização humana, corremos os riscos que atualmente ameaçam nosso futuro comum. Estes riscos não diminuem pelo fato de que muitíssimas pessoas, de todos os níveis de saber, deem de ombros a esta máxima questão. O que não podemos é, por descuido e ignorância, chegar tarde demais. Mas vale o princípio de precaução e prevenção do que a indiferença, o cinismo e a despreocupação irresponsável. Se dermos centralidade à aliança de cuidado, seguramente chegaremos a um estágio de sustentabilidade geral que nos propiciará desafogo, alegria de viver e esperança de mais história a construir rumo a um futuro mais promissor.

A partir do novo sujeito sustentável, será possível repensar as relações dos homens com/nos próprios espaços nos quais atuam. Nessa linha, Santos (1997, p. 141) pontua o seguinte: “As épocas se distinguem pelas formas de fazer, isto é, pelas técnicas. Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços, formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução.”. Seguindo essa linha, pode-se afirmar que o entendimento do turismo exige o conhecimento de noções para além do espaço geográfico, ecossistemas desse espaço, paisagens, culturas, políticas e os seres humanos com seus axiomas culturais, ou seja, é necessário repensar toda a dinâmica do turismo na cidade e como essa atividade gera déficits socioambientais que vão da depredação e esgotamento dos recursos naturais à degradação do próprio homem, visto, equivocadamente, dissociado da natureza.

¹ Termo emprestado de Leonardo Boff, no livro “Sustentabilidade: o que é, o que não é.”



O Turismo é muito complexo, como já fora mencionado e, portanto, precisa ser estudado e investigado a partir de um olhar multirreferencial/complexo, sendo assim, faz-se necessário fugir das disjunções que ocorreram em outras áreas do conhecimento, pois, segundo Morin (2005, p. 30) a ciência moderna passou por disjunções na tentativa de simplificações de processos:

De toda parte surge a necessidade de um princípio de explicação mais rico do que o princípio de simplificação (separação/ redução), que podemos denominar princípio de complexidade. É certo que ele se baseia na necessidade de distinguir e de analisar, como o precedente, mas, além disso, procura estabelecer a comunicação entre aquilo que é distinguido: o objeto e o ambiente, a coisa observada e o seu observador. Esforça-se não por sacrificar o todo à parte, a parte ao todo, mas por conceber a difícil problemática da organização, em que, como dizia Pascal, “é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”.

O turismo, somente na perspectiva econômica, provoca disjunções entre produção e natureza e Capra (2012, p. 209) afirma que a mais grave consequência do contínuo crescimento econômico é o esgotamento dos recursos naturais do planeta. Já Miller (2012, p. 172) ao discorrer sobre ciência, economia, ética e sobre os motivos pelos quais é necessário cuidar da biodiversidade, apresenta algo que pode ser usado para repensar a dinâmica do turismo:

Existem dois tipos principais de valor instrumental. Um deles consiste em valores de uso, que nos beneficiam na forma de bens econômicos e serviços, serviços ecológicos, recreação, informações científicas e opções de preservação para tais usos no futuro. O outro tipo consiste em valores de não-uso. Por exemplo, há o valor de existência – saber que existe uma floresta de sequóias (*sic*), uma área selvagem ou espécies ameaçadas de extinção, mesmo que nunca as vejamos nem façamos uso direto delas. O valor estético também é de não-uso – muitas pessoas apreciam uma árvore, uma floresta, um animal selvagem, uma paisagem por causa de sua beleza. O valor de legado, por sua vez, tem como base a boa vontade de algumas pessoas que pagam para proteger formas de capital natural a fim de garantir sua disponibilidade para as gerações futuras.

A partir da necessidade de novas relações socioeconômicas no turismo da cidade, é possível recorrer ao que afirma Capra (1995, p. 190):

Finalmente, Schumacher sustenta que a atitude de ignorar nossa dependência do mundo natural está inerente na metodologia da economia moderna e no sistema de valores subjacente à tecnologia moderna. “Ecologia deveria ser matéria obrigatória para todos os economistas”, insiste Schumacher, observando que, ao contrário de todos os sistemas naturais – que se equilibram, ajustam e purificam por si mesmos –, nosso pensamento





econômico e tecnológico não admite nenhum princípio de autolimitação. “No sistema delicado da natureza”, conclui, “a tecnologia, e em particular a supertecnologia do mundo moderno, age como um corpo estranho, e hoje já podemos observar numerosos sinais de rejeição.”.

Em consonância com a necessidade de novas posturas para um turismo sustentável, Almeida (2009, p. 49) pontua:

Nos dias de hoje é a chamada sociedade de consumo, resultantes dos processos da modernidade, que produz o espaço e, também, o turismo. O turismo moderno resulta da demanda dessa sociedade que o utiliza para se satisfazer ideológica e materialmente. Nessa perspectiva, ele adquire natureza social e se manifesta como prática de massa, favorecida pela modernização dos transportes e pelas redes de comunicação, denominado como turismo de massa.

Refletindo sobre a relação de exploração do turismo a partir dos valores meramente econômicos, é possível relacionar com o que afirma Capra (2002, p. 2008):

A lição principal que temos a tirar dessas análises é a de que a maioria dos nossos atuais problemas ambientais e sociais têm suas raízes profundas em nosso sistema econômico. Como fiz questão de frisar anteriormente, a forma atual de capitalismo global é insustentável dos pontos de vista social e ecológico, e por isso é politicamente inviável a longo prazo. Uma legislação ambiental mais rigorosa, uma atividade empresarial mais ética, uma tecnologia mais eficiente - tudo isso é necessário, mas não é suficiente.

A lógica dos espaços em Porto Seguro obedece ao sistema de apropriação capital e os moradores necessitam dialogar com uma dinâmica de segregação espacial, quando, na verdade, deveriam ter acesso aos bens naturais nos espaços em que atuam. Com isso, além da segregação espacial-social, há alterações na paisagem e degradação de áreas ambientais. Um exemplo de déficit ambiental por conta do turismo é o alto fluxo de automóveis pela rodovia que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabralia, sem a manutenção da rodovia, somando-se a isso, o avanço das águas do mar, com desmoronamentos de partes da BR, com consequências sérias.

Sobre a questão da segregação do espaço, é possível fazer uma ponte com a discussão que Almeida (2009, p. 61) faz em torno da ruralidade, turismo e gestão social:

Estudos de caso, principalmente de caráter geográfico, foram realizados para entender os impactos do turismo no meio ambiente. Alguns enfatizam que os aspectos de degradação no ambiente natural ocasionados pelo processo de urbanização turística. Outros estudos enfatizam os impactos sociais e econômicos por meio de quadros marcados pela desigualdade e pela exclusão social e espacial, além de ruptura na identidade cultural, da redução da





autoestima, aumento do custo de vida, inflação e outras consequências desastrosas no contexto de vida das populações rurais periféricas e tradicionais.

A abertura do turismo deveria ser feita com consciência para o uso dos recursos naturais, mas a cidade está distante de uma atividade turística sustentável. Diante disso, um estudo profundo em torno de práticas insustentáveis no turismo que desencadeiam déficits ambientais torna-se essencial não somente para o mapeamento dos principais problemas socioambientais na cidade, mas, também, para políticas de educação ambiental e intervenções, para que a atividade turística continue como mola de desenvolvimento. Ademais, os mesmos problemas que ocorrem em Porto Seguro aparecem em outras regiões do Brasil nas quais a atividade turística é o eixo de desenvolvimento, portanto, os resultados da pesquisa atingirão dimensão nacional.

Além dos elementos que foram apresentados para a consubstanciação da pesquisa em torno das insustentabilidades desencadeadoras de déficits socioambientais no turismo de Porto Seguro, torna-se oportuno mencionar que o estado da arte em torno do fenômeno a ser investigado é quase inexistente, pelo menos, no tocante ao turismo da cidade e região, portanto, os resultados contribuirão para outro olhar e perspectivas, propiciando uma reflexão sobre práticas insustentáveis e nascimento de nova arquitetura mental de relação com a natureza a partir da exploração consciente dos serviços ecológicos da região a partir do turismo.

4 Metodologia que Poderá ser Adotada na Pesquisa

Dado a complexidade do Turismo, pode-se optar por uma pesquisa bibliográfica e de campo. Ressalte-se que a pesquisa ocorrerá em uma perspectiva de análise dupla, qualitativa e quantitativa, haja vista que a proposta atingirá dimensões sociais e ambientais. Qualitativa, pois a proposta é analisar os elementos que fazem parte da consciência dos atores sociais envolvidos nas atividades turísticas e/ou adjacentes a ela e comportamento não se quantifica, a não ser que haja perspectivas bem específicas, o que não é o caso da proposta apresentada. Quantitativa, pois a pesquisa alcança dimensões que ultrapassam o social, chegando ao ambiental e uma das intenções é investigar áreas degradadas, para mapeamento e localização de espaços e isso passa por quantidade, haja vista que outra proposta é saber quais são as áreas que sofrem estresse ambiental nas áreas de exploração turística.

Para o levantamento bibliográfico recorrer-se-á a fontes primárias e secundárias sobre turismo, meio ambiente e sustentabilidade. Ademais, diante desse arcabouço teórico, far-se-á a análise de documentos como jornais impressos, virtuais e outros meios para detectar os principais déficits socioambientais resultantes de práticas insustentáveis no turismo da cidade. Para a pesquisa de campo, levar-se-á em consideração o que afirma Gil (2002):

O estudo de campo apresenta muitas semelhanças com o levantamento. Distingue-se, porém, em diversos aspectos. De modo geral, pode-se dizer que o levantamento tem maior alcance e o estudo de campo maior profundidade. Em termos práticos, podem ser feitas duas distinções essenciais. Primeiramente, o levantamento procura ser representativo de universo definido e oferecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já o estudo de campo procura





muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis.

No entanto, antes da pesquisa *in loco*, serão elaborados questionários estruturados e semi-estruturados para um grupo amostral de atores sociais envolvidos com o turismo, já que uma das propostas do trabalho é captar a relação desses agentes com o meio ambiente, partindo-se do pressuposto de que é impossível entender as práticas insustentáveis que desencadeiam déficits socioambientais sem apossar-se do discurso dos sujeitos envolvidos nas atividades turísticas. Para a aplicação dos questionários, parte-se do que afirma Gil (1999): “o questionário apresenta uma série de vantagens. A relação que se segue indica algumas dessas vantagens, que se tornam mais claras quando o questionário é comparado com a entrevista”. Dentre essas vantagens, Gil (1999) pontua as seguintes: possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais convenientes e não expõem os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

Proceder-se-á ao levantamento de imagens de satélites a partir do sensoriamento remoto sobre a situação espacial e ambiental de Porto Seguro e, durante a pesquisa de campo, recorrer-se-á, também, de forma complementar, às imagens adquiridas, ao registro de áreas que sofreram algum impacto ambiental em decorrência do turismo a partir de fotos que serão retiradas *in loco*. No que concerne às imagens através de sensoriamento remoto, é possível levar em conta o que afirma Portuguez (2012, p. 17):

Outro aspecto importante que não se pode ignorar, refere-se à popularização da internet no Brasil (década de 1990), que contribuiu sobremaneira com este avanço no uso das fotografias digitais, não só porque permitiu a troca de dados e arquivos em caráter de simultaneidade, mas, sobretudo, porque surgiram sites e programas de livre acesso cujos conteúdos baseiam-se fundamentalmente em fotografias aéreas e imagens de satélite.

5 Considerações Finais

A sugestão de pesquisa apresentada é um espaço para diálogos em torno do fazer científico e, mais importante que isso, contribui para a formação da consciência científica e caminho de pesquisa para alunos de graduação em fase de trabalho final de curso, ou, até mesmo, para egressos que ainda não entendem a dinâmica dos projetos de investigação científica e que almejam continuar os estudos em outros níveis como especializações e mestrados.

As dificuldades enfrentadas pelo aluno de graduação no que concerne à iniciação científica são inúmeras e, em muitas Instituições, muitas vezes, não há uma preocupação com a formação em educação científica ou inserção do alunado em grupos e projetos de iniciação científica. Diante desse quadro, Santana (2014, p. 92) pontua o seguinte: a pesquisa alcança cada vez mais importância no





ambiente universitário e as instituições precisam investir em formação nessa área, pois é notório que há muitos problemas no que tange à pesquisa durante a graduação.

Diante de uma proposta como essa, o aluno, futuro pesquisador, encontra oportunidade para dialogar e construir saberes sobre o que é a pesquisa e quais os elementos que formam parte desse processo que é tão importante para o desenvolvimento do mundo hodierno.

Referências

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1995.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. Turismo, produção do espaço, ruralidade e gestão social. In: CORRÊA, Maria Laetitia; PIMENTA, Solange Maria; ARNDT, Jorge Renato Lacerda. **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRAGA, B. *et al.* **Introdução à engenharia ambiental: o desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Prattice Hall, 2002.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T., LEITÃO, Cláudia S. e VASCONCELOS, Fábio P. Turismo, cultura e desenvolvimento na escala humana. In: CORRÊA, Maria Laetitia; PIMENTA, Solange Maria; ARNDT, Jorge Renato Lacerda. **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MILLER, G. Tyler. **Ciência Ambiental**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. A aplicabilidade das aerofotografias amadoras em estudos geográficos do turismo. In: _____; SEABRA, Giovanni; QUEIROZ, Odaléia Telles M. M. (orgs). **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2012.



RICCO, Adriana Sartório. O turismo como fenômeno social e antropológico. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SEABRA, Giovanni; QUEIROZ, Odaléia Telles M. M. (orgs). **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

SANTANA, Elissandro dos Santos. Sugestão de pesquisa em torno da transferência de marcadores discursivos do espanhol para o português. **Revista Letrando**, Paripiranga, v. 3, 2014.

